



PREÇO \$50

Semanário

Composição—Impressão

RUA DA OLIVEIRA ao Carmo, 21

LISBOA

Director e proprietário—José Tavares

Editor—Silva Cruz: Redactor principal—Souza Carvalho
Administrador—Gonçalves Reis

Redacção e administração—Rua Alexandre Braga, J R C, 1.º

De longe...*Minha boa amiga*

Como me assustei por tardar em responder-me! Tanto tempo, meu Deus!

Dias contínuos esperei ansioso notícias suas, julgando a todo o momento ouvir na escada os passos do carteiro; mas qual, como poderia você escrever-me, lembrar-se do... de mim, se passeava satisfeita ao lado dele, dava festas, ia a chás, sempre nesse rodopiar constante que é a vida da sociedade?!

Sempre *ele* a intrometer-se patenteando, apregoando bem alto o seu poder! Como eu invejo, odeio *esse* outro, o intruso a quem você pertence, que bebe os seus sorrisos, éle, o unico que tem direito aos seus beijos, ás suas carícias, éle, enfim, a quem devemos ser gratos por consentir que nos escrevam!

Concorde, boa Amiga, que é humilhante, revoltosa o viver assim, conter este ciúme aviltante, todo o fel que me escuma na alma!

Mas que importa tudo isso, se eu assim consigo le-la, falar-lhe, viver através as suas cartas *alguma coisa do amor que lhe ficou*?!?

Que confiemos, diz você, porque aos infelizes, aos desgraçados, dá Deus também o dia de *amanhã*.

Amanhã, que palavra bela, tão cheia de promettimentos, mas infinitamente vaga!

Amanhã são pobres chimeras que se desfolham, são sonhos que se esfumam, se desvanecem como as amebicões inabrangeíveis!

Loucura!... Que ideia!...

Saiamos da letargia que nos entorpece, dissipemos a neblina que nos envolve e, encarando a realidade, veja você, vejamos, se podemos esperar no dia de *amanhã*...

Cria-me seu afeiçoado

Silva Cruz

**CINEMA CULTURAL
E
EDUCATIVO**

Entre as muitas e notáveis descobertas científicas que, nos últimos tempos têm assombrado a Humanidade, destacam-se a cinematografia e a T. S. F. tanto pela popularidade que rapidamente conquistaram como pelo interesse que continua despertando a sua constante evolução.

É à cinematografia, que quasi exclusivamente se tem mantido e desenvolvido no campo comercial e artistico, está sem dúvida alguma reservado um largo e brilhante futuro como meio de investigação e divulgação científicas tendendo ao mesmo tempo a tornar-se um poderoso factor de cultura e educação popular.

O que entre nós se tem feito ou tentado fazer no sentido de dar ao cinema o logar que justamente lhe compete como meio de propaganda científica e cultural é nada ou quasi nada comparado com o desenvolvimento que nalguns países, sobretudo na Alemanha, tem tomado o cinema educativo e até mesmo científico. Na Universidade de Berlim, por exemplo, faz-se já o ensino da Embriologia pela projecção de filmes, aliaz bastante dispendiosos e ainda de difficil realização, que reproduzem com uma nitidez de pormenores muito apreciavel toda a vida intra-uterina dos embriões de algumas espécies animais.

São também de origem alemã os poucos filmes culturais que, de vez em quando, aparecem nos ecrans dos nossos cinemas e que se limitam quasi sempre a reproduzir a maneira como se faz o desenvolvimento de uma determinada planta ou as particularidades da vida de certos animais.

Processos destes trazem ao estudo das Ciências Naturais não só um extraordinário interesse como até uma facilidade de compreensão incontestável; e licito é esperar que, num futuro relativamente próximo, possam ser exhibidos nos nossos estabelecimentos de ensino filmes que, tornando o estudo de alguns ramos da Ciencia mais proveitoso e interessante, não deixarão de contribuir eficazmente para o desenvolvimento da investigação científica no nosso país.

O cinema cultural e educativo requiere, por seu lado, das estâncias officias a promulgação de uma série de medidas tendentes a torna-lo interessante e accessivel ás classes operárias sobretudo da provincia que teriam nesse proveitoso e agradável passatempo um precioso antidoto da tuberculose que tão graves responsabilidades tem na criminologia e no delinquimento da nossa raça.

J. T.

**Este número foi visado pela
COMISSÃO DE CENSURA****O Verso**

Todo o rapaz e rapariga, sente, por volta dos seus dezoito anos a necessidade quasi imperativa de fazer uma pequena composição poetica. Em geral, no rapaz, esta tendencia romantica, nasce na efémera voluta do seu primeiro cigarro, ali por alturas do seu primeiro amourom, e na mulher... na mulher... deve ser nessa idade curiosa em que a mulher é ainda uma curtil creança e a creança é já, uma formosa mulher.

É, porém, o verso ou a composição poetica em geral, pouco conhecida ainda nessa juvenil idade, deixando, com raras excepções, muito a desejar esses primeiros ensaios.

Mais tarde, porém, e subsistindo ainda esse desejo de versejar continuamente faltando os conhecimentos, por assim dizer, técnicos e que não podem ser adquiridos com a leitura dos outros, dos verdadeiros poetas, se bem que muita intuição artistica tenha sido adquirida por esse processo.

Pois bem: não é um tratado de Poética que pretendo expor-vos aqui, porque me escassiam o espaço e os conhecimentos; é simplesmente um conjunto de noções elementares da versificação, que vos serão utilissimos não só nos ensaios que vireis a tentar, como tambem na leitura de qualquer poesia, na dicção oral de qualquer poema, que se tornará assim mais correcta e mais apreciada.

Verso ou metro é um conjunto de palavras, uma palavra só, um conjunto de sílabas, é até em alguns casos um monosílabo, com determinada disposição de acentos formando uma seqüencia harmonica e aprazivel.

Costuma o verso dividir-se em métrico e silábico; o primeiro é composto de pés, isto é, de partes com um certo numero de sílabas, breves ou longas conforme a pronúncia, tendo sido este verso usado nas linguas latina e grega; o silábico é tambem formado por sílabas, mas com uma acentuação escolhida dando-lhe uma cadencia harmonica. O nosso verso é silábico.

Contudo para fazer uma divisão dos versos obedece-se mais vulgarmente aos seguintes criterios: o numero de sílabas, a posição do ultimo acento predominante, e segundo a correspondencia de sons ou rima.

Todos sabem o que é uma sílaba

gramatical, uma sílaba métrica e o que é uma liberdade poética tão usada para abreviar o número de sílabas gramaticais; pois bem o nosso verso pode ter desde uma a treze sílabas, tendo algumas destas categorias nome especiais.

Assim o verso de quatro sílabas é chamado quebrado de redondilha menor; o de cinco — redondilha menor; o de seis — heróico-quebrado; o de sete — redondilha maior; o de nove — *Oregião de Malas* (poeta brasileiro), o de dez — decassílabo ou heróico, o de onze — arte maior; o de doze — Alexandrino.

Dois, em seguida, a acentuação mais usada, nas principais espécies de versos.

Dez sílabas, com acento predominante na última; de quatro sílabas na 2.^a e 4.^a; de cinco na 2.^a e 5.^a muito harmoniosos, e na 3.^a e 5.^a; versos de seis sílabas na 4.^a e 6.^a; de sete na 2.^a e 7.^a, ou na 3.^a e 7.^a; ou ainda na 4.^a e 7.^a; de oito na 4.^a e 8.^a ou na 2.^a, 5.^a, 8.^a; de nove na 3.^a, 6.^a e 9.^a; e de dez sílabas na 6.^a e 10.^a.

O acento predominante ou acento iônico é a maior força com que é acentuada a vogal de um polissílabo. Quanto ao acento tónico, dividem-se os versos em agudos, graves e extruduxulos, conforme terminam numa palavra aguda, grave ou extruduxula.

Falta-nos, somente, dividir os versos segundo a rima ou segundo a terminação de sons.

A rima é um elemento que, embora dispensável, como o provam muitos e muito belos poemas, concorre, de forma importantíssima, para a harmonia do verso, por ser uma concordância, mais ou menos perfeita, de sons nas sílabas finais de dois ou mais versos.

Debaixo deste aspecto ficam os versos divididos em soltos ou brancos se não têm rima, e em rimados se terminam por vocábulos entre os quais existe a já citada concordância. A rima divide-se em toante ou assonante, e consonante. Passarei, a partir deste momento, a exemplificar, deixando portanto de parte, com raras excepções, a definição por se tornar inútil e maçadora.

A rima toante ou assonante é aquela em que a concordância existe apenas na última vogal ou ditongo do último, Ex.: olhávam com rosados — mórvido com sarcófago.

A rima consonante, é a mais vulgar. Ex.: lume com perfume; parte com arte.

A rima, com respeito à distância entre os versos em que ela se dá, divide os versos em quatro espécies a saber: emparelhada, encadeada, cruzada e interpolada.

Seguem exemplos:

Emparelhada:
Cantando espalhar o peito a parte
Se a tanto me ajardar o engenho e a arte.
Cantões.

Encadeada:
As Flores d'alma que se ateiam belas
Paras, siléncias, arvalhadas, e celestias
Ten mais aroma e são mais formosas
Que as pobres rosas num jardim cativas.
Tomaz Ribeiro

Cruzada:
Para algemem sou lírio entre os abrolhos
E tenho as formas lídicas de Cristo;
Para algemem sou a vida e a luz dos cellos
E se na terra existe, é porquê existo.
Gonçalves Crespo.

Interpolada:
Descansa! no frio letão do eterno repouso
Não te irá o sol fôrtoar
Nada nambul desperto
mas também da aurora a noite
não calcará os espelhos
que em teus adreces e cantos
verbalas da líra, a par.
Soures de Passos.

A rima deve ser utilizada conforme a composição poética que se pre-

O CULTO DA SERPENTE

(OFIOLATRIA)

Conclusão

«Creio mesmo que algumas destas referências revelam-nos a existência de crenças tónicas entre as tribus proto-históricas do país, para as quais a serpente teria sido o *totem*».

«E' o poema bastante conhecido de Festus Avienus, *Ora Marítima*, que fornece dados para estas suposições.

Eis o texto do Avienus:
Haec (Ophiura) dieta primo Oestry-ni-
locos et Aera Oestryniaca habitantibus,
post multa serpens effugavit incolas
vacantibus silebium nomina fecit anti-
(V. V. 154-157)

«Os comentadores deste poema, inspirado como se sabe, num periplo do século VI (a. J. C.), estão de acordo em identificar a região de *Ophiurusa*, que nele cita, com a *Península Ibérica*, e o promontório deste nome com um dos cabos do litoral português (cabo da *Roca* segundo a maior parte dos autores).

«A palavra *Ophiurusa* significa terra de Serpentes, como observam M. M. Schöten Carpenter e outros, nome derivado de grego, como os igualmente terminados em *assa*, que estes deram a vários lugares do Mediterrâneo ocidental (*Pitheussa, Ichnessa, Metussa, Crónussa e a Catolussa*).

«O poema de Avienus coloca o campo de *Ophiurusa* ao norte dos Cynetas do Algarve».

Oberrnaier (*Die Dolmen Spaniens*) afirma que na *Península Ibérica* se encontram traços que se referem ao culto da Serpente prestado pelos povos nela existentes como atesta a *Anta no Corão* nas Astúrias onde se vêem gravadas linhas serpentiformes.

Perante toda esta documentação não resta dúvida alguma, que o culto da Serpente prestado pelos povos da Antiguidade Oriental, também se manifestou no território que é hoje Portugal e cujos restos nos atestam ôsses documentos petroglíficos semelhantes ao encontrado no Monte Eiro, Antas de Sales Barros — etc.

«Muitas foram nos tempos antigos as divindades que tiveram por atributo a serpente: Cneph, Esmum, Serapis, Plutão, Esculapio, etc. De todos, Esculapio mereceu um culto especial entre os helénicos representando o deus da Medicina, com o enigmático ofídio enrolado no bastão, mostra a serpente como atributo desta divindade indissolvelmente a ela ligado».

No tempo de Epirotado, onde lhes era prestado culto, as serpes serviam usualmente de augúrios.

Na mitologia grega, Jupiter, Baco, Plutão e o Sol, confundem-se numa só divindade e a serpente seria pois o atributo de qualquer deles, e por isso foi também convertida em constelação — Ophiucus — (B. Ferreira — op. cit.)

O culto da serpente aparece tendente a realizar, mas deve ter sempre a intenção de tornar mais belos os versos, torná-los mais harmoniosos, apesar de termos já visto que o principal elemento que torna o verso harmonioso, é a sua perfeita e criteriosa acentuação. Não são, porém, exclusivamente estes os atributos da linguagem poética, e deve ter todos os requisitos da linguagem em prosa, como a clareza, a precisão, a correcção, a pureza e tantos outros, destacando-se, porém entre todos a harmonia métrica, que lhe dá como

bem na Gália, na Irlanda 1200 anos (A. C.), segundo Cróyey ou ainda muito antes segundo Montelius.

Na Escandinávia, figura na sua mitologia a celebre *Serpe Meigardar*, a qual é lançada ao mar por Odin, dando a volta ao mundo com a cabeça tocando a extremidade das caudas.

Na matemática, como simbolo do infinito, lá nos aparece a serpente mordendo a cauda em forma de oito deitado.

E, ainda nos últimos tempos figurou como simbolo na bandeira de Gabriel d'Antizão, durante a República de Fiume.

Para finalizar não deixarei de transcrever esta parte bastante interessante da obra já citada do Dr. Benetou Ferreria.

«Se esta significação cultural se perdeu ou atenuou muito através dos séculos, não desapareceu contudo».

Ela revive nas ideias supersticiosas acerca das serpentes, ideias que são, por assim dizer, substituívas ou a degeneração do conceito religioso, principalmente quando se descamba na mentalidade inculta do povo, podendo apenas de restos desagregados tradicionais que a imaginação alimenta e transforma, dando como resultado a lenda, a superstição e a credulice, os amuletos, os talismans e os totems.

«A crendice substituiu a crença religiosa e a superstição fez do simbolo um amuleto».

E' por isso que ainda hoje como vestígio ainda não apagado do velho culto da Serpente, nós encontramos com frequência, espalhado entre as classes populares o uso de qualquer parte do ofídio, a servir de amuleto, mais vulgarmente a cabeça da víbora.

Na antiguidade, Plínio, Galeno e outros aconselhavam a carne das víboras contra as úlceras.

Na Idade-Média e mesmo em tempos modernos, acreditou-se muito nas virtudes dimanadas do corpo das cobras e da existência de semelhantes animais nos laboratórios ou lojas de farmácia, tendo-se ainda em alguns destes estabelecimentos das circunscrições rurais.

A credulidade no pretendido vigor da cobra levada a terapêutica popular, empirica e medieval, a impingir aos doentes e aos fracos, sob a forma de cápsulas, de pilulas, viárias porções do corpo do animal ainda como antidoto contra certos envenenamentos e peçonhas, principalmente contra os efeitos da mordedura de animais peçonhentos, pelo menos das víboras, o que constitui uma forma caudosa e felizmente obsoleta de *proteropatia*».

Quantas pessoas durante a leitura deste artigo, ainda com restos das velhas superstições, não terão dito; para cortar o azar: *Laгарio, laгарio, laгарio*.

Carlos A. D. de Carvalho

que a doutrina do estilo tão caracteristica desta linguagem delicada.

E como se poderá adquirir a intuição desta harmonia?

Lendo, em primeiro lugar, as obras dos bons poetas, e em segundo lugar, conhecendo os erros ou os vícios a evitar.

Os versos que pecam por este defeito, classificam-se, por infelizmente serem muitos, em quatro grandes grupos: os versos fracos, monótonos, cacafónicos e duros.

Exemplificando.

Cá estou eu

Ouçam senhores, alerta
Esta é de estarecer!
O Jágodes é poeta
Nio Sabam? ... Queiram ler
E vós leitores gentil,
Bela, simples, graciosa,
Enlaivame beijos mi,
Inspirai-me nestas glosa

Moto

A mulher é uma flor
Que se toma com cuidado,
Mais devagar, por favor,
Ou então... estás desgracado

Glosa

Linda, gentil, donaisora
Como um dia de ventura,
Toda suave condura,
Um sorriso cor de rosa
Smallinado a face mimosa
Dura face e belo sobor,
Num círculo bem calculado
Sedução, feita virtude,
Encantamento que flude,
A mulher é uma flor

Que desejos não despreta
A Deusa que vos sorri,
A mim, leitor, e a ti? ...
A qualquer, sem ser poeta,
A quem a *danhã* aperta,
Num círculo bem calculado
E sabiamente estudado.
Por isso eu, que nunca minto,
Acho a mulher um abimto
Que se toma com cuidado

Sabe prender, num cortejo;
«Scravias» numa carícia
Com tão certa pericia
Que nemtão foge ao ancio
De possuir com esteio
Esse villo tentador
Que mente dizendo amor:
Assim eu, amigo velho,
Desde já te aconselho
Mais devagar, por favor.

Olha que o caso é aviado
Se o concórdio vai ficando ...
Os vestidos — adiante
O casco de veludo,
E as joias, as peles, tudo!
O homem arreado
Manda o casório ao diabo.
Leitor amigo, não cases
Pensa bem, olha o que fazes
Ou então... estás desgracado

P. S. A ti, leitora bonita,
Ena nego quanto afirmo
Isto foi tudo uma lita ...
Foi porque em rima catita
Melhor cousa não achei!

légodes

Os fronzos são versos de composição fraca assemelhando-se á prosa.
«Testemunho do meu animo grato».
«As ilusões caíam inteiramente»
Os monótonos são caracterizados pelo emprego excessivo de palavras com a mesma vogal.
«Amargas ânica causa amar ingrátas»
«Vi poderios mil cair no exilido»
Os cacafónicos são aqueles o cacófono.

«Tens me já dado amor bastantes».
«E no leilo poro não a rima cama».
«No leilo poro não a rima cama»
as consonantes ásperas.
«Entre si Rodes, Smirna e Colofónia».
Vê-se pois que a harmonia não adve-nem, somente, das qualidades requeridas para o verso, a consonância e a variedade, mas que essencialmente chamado número poético, que mede, o espaço de tempo empregado a emitir os diferentes sons de que é composto, e também a adequada acentuação tão pouco vulgar nos... nos seus pueris encaixos poéticos.

Luis Gonzaga

Secção teatral

As *iniciarmos a nossa Secção Teatral apraz-nos agradecer às Empresas que nos facilitaram a nossa tarefa concedendo-nos entrada nos seus teatros e esperamos que em breve este nosso agradecimento seja extensivo a todos.*

Em breve ampliaremos esta Secção não só na parte respeitante ao Teatro, mas acrescentando-lhe outra consagrada ao Cinema.

Devagar se vai ao longe...

Teatro Nacional

12-1932

Prestes a terminar a sua carreira triunfal «*S. João subiu ao trono*» foi hoje representada em Festa de homenagem ao seu autor, Dr. Carlos Amaro, escritor que dum só passo se elevou até junto dos maiores valores da nossa dramaturgia contemporânea. A crítica de «*S. João subiu ao trono*» está feita, a sua suavidade, o conceito moral que insensivelmente leva o nosso espírito a fazer, a beleza que encerra da primeira à última cena foi por todos reconhecida.

Porem, pena é que a Empresa do Teatro Nacional não tenha dispensado o pouco mais de carinho à montagem da peça que por vezes, muitas vezes mesmo, é delicatíssima. Amélia Rey Colaço, Roberto Monteiro e António Pinheiro, deviam um pouco mais a si próprios e ao publico.

«O teatro atravessa uma crise» estranho que já não é novo e que serve para justificar os prejuizos que as Empresas por vezes têm, mas quando tal estranho é repetido deviam responder à pergunta que fica pendente: — Crise de quê? de autores, de artistas, de publico, e a verdade é que só por falta de orientação o nosso teatro atravessa uma crise.

S. João subiu ao trono com uma montagem tal como o seu autor nos deixa adiver em livro, custaria algumas dezenas de centos, é certo mas dividiaríamos demasiado da mentalidade da nossa geração quem disser que o resultado financeiro não responderia à despesa, e para se desmentir tal, basta vê-lo o interesse com que o publico tem acompanhado a peça enchendo a casa noites consecutivas e por aí se poderá calcular o entusiasmo que teria, se, a par da beleza literaria e da cuidada interpretação (que é justo não esquecer) lhe fosse apresentada uma montagem correspondente.

E ao terminar desejo sinceramente voltar a vê-lo em breve no cartaz o nome do Dr. Carlos Amaro.

K. Nif

Ao comércio

Se queres boa freguesia

Em vez dessa raça dubia

Não percas tempo, anúncia

Teus productos no Aldrúbia

A piada não é nossa

Meiguice em demasia

Em Lisboa no Largo do Matorado costumava estacionar um cego pedinte que de uma vez se viu em calças pardas por causa de umas varcas tremalhadas a cujas marradas-quiz fugir.

— Não há por aí — gritava él — uma alma cristá que me meta no fundo de uma escada?

Nisto uma vaca investe com o pobre cego, de tal forma que ferra com él por uma porta dentro.

— Muito obrigado irmãozinho.

O que escusava era de ser com tanta força.

Bons ares...

O *forasteiro* — a falta convem-me, mas fiz-me calta mais uma cama. Somos sete pessoas.

O *alagador*: — Já dizia o senhor que aqui esteve o ano passado; e quatro dias depois já lhe sobejavam duas camas.

Aqui o mar alaga muita gente...

Estranha visão

Duas senhoras muito feias estavam à beira de um enfermo.

Este viu-as e dirigindo-se, baixinho, a um amigo:

— Sinto que vou morrer...

— Porquê homem?

— Porque li em vários livros que à hora da morte a gente não tem senão visões estranhas... e eu agora tenho-as medonhas!

Flegma

Um americano e a esposa entram num restaurant socegado:

— *Garçon!*... Um bifé com batatas!

O criado afasta-se, pressuroso. Nomentemente balança as palmas.

Volta-se. E' o americano que recommenda:

— Com muitas batatas... hein?

— Com muitas batatas, *sim mister!*! — descedendo o servidor.

Demora-se uns minutos e, quando vem com a iguaria pedida, nota espantado, a falta da senhora que acompanhava o freguês.

E' este que lhe aponta: está estendida no chão, fulminada por uma apoplexia. Ao mesmo tempo o americano, diz imperturbavel:

— *Garçon!*... Varta a senhora e traga mais batatas!

Charadas

- 1 Em francês passa indiférente
Esta *diversão* ideal
Morde as *caelas* a gente
E é *um encosto* afinal. — 1, 1
- 2 O homem *não é de lá*
E tem um *nome* pomposo
Olhem que em Londres *não há*
Este *animal* prestimoso. — 1, 2
- 3 *Nunca chora* esta donzela
Divaga na perfeição
Leitor *convive* com ela
Que *e alege* até mais nós. — 1, 2
- 4 *Anda, dá volta* o *aparelho*. — 2, 2
- 5 É filho do mesmo pai mas nem sou eu, nem tu, nem él, nem nós, nem vós nem éles nem eles Como se chamará?. — 2, 2

Desfiladões do 3.º número

- 1) solidado
- 2) azar
- 3) Lisboa
- 4) Ema
- 5) anémoma

Espectaculos

TEATROS

Nacional—21.30—«A Conspiradora»
Trindade—21.30—«O Aldrúbia»
Ginásio—21.30—«Na Sombra» e «Alta Comédia»
Politeama—21.30—«O Crime da 5.ª Av.»
Avenida—21.15—«O burro do Sr. Alcaide Apolo»—20.30 e 22.30—«A cigana»
Variedades—20.30, e 22.30—Mexilhão.
Coliseu—21—Variedades.

CINEMAS

Olimpia—«Inferno dourado»
S. Luiz—«A divorciada»
Condes—«Os filhos»
Central—«Amy e os caraciros»
Tivoli—«Fatos e factos»
Odeon—«O papá das pernas altas»
Terrace—«Espionagem»
Royal—«Naufrágio amoroso»
Capitolo—«En redor dum inquerito»
Palacio—«Naufrágio amoroso»
Liz—«Harald trepa trepa»
Paris cinema—«Em frente marché»
Promotora—«Napoleão»
Palatino—«Eldorado»
Eden cinema—«O sr. Director»
Europa cinema—«A Severa».

AOS DESPORTISTAS

Os melhores artigos nacionais e estrangeiros para

Basket, Esgrima, Foot-ball, Hockey, Rugby Tennis, etc., etc.

Aos melhores preços do mercado, só vende a casa

SPRIL

RUA DO LORETO, 34, 2.º

LISBOA

Caixote do Lixo

A pensar no «Carnaval» já ninguém pára um momento; E até os que dizem mal Desta guarda genial, A trazem no pensamento. A decrépita velhada, Esses então é que é vós! A prestar, em gralhada, Contra a pobre estudantada, Arreplando os cabellos, Lembra-m, de olhos cerrados Recordam, saudosamente, Os ovos bem atritados, Com gelitinho esborrachados Na cara de toda a gente, Isso sim, mas que gracinha... E com que enorme desdém, Na ponta de uma guinilha, Um alfinete se vinha Cravar na aba dum côco!... Havia graça ás carradas, Mas d'aquela muito fina... Não fossem lá as piadas, Indecentes, malcriadas, Ofender qualquer menina!... Muito, muito se brincava... E nessa alegria louca, Nunca ninguém se lembrava, Nem p'la cabeça passava Meier *confetti* na boca! Mas hoje tudo mudou, Constatam com grande mágoa, E nemhum deles pensou Nos fatinhos que manchou' Co' a seringa cheia de água!...

Laracha

Grande final da taça "Alvaro Costa"

Autorizada pela Federação Portuguesa de Box.

A festa que amanhã Domingo ás 21 Horas se realiza no Centro Escolar Republicano Magalhães Lima, largo do Salvador (a S. Tomé) promete ser sensacional, visto figurarem no cartaz entre outras as afamadas equipas do Club Português de Recreio e Desporto, Lisboa Ginásio Club e Escola Francisco Brito, que se fazem representar pelos magnificos amadores, Francisco Mexe, João Damas, Joaquim Lopes Junior, Alberto Afonso José Sequeira, Aluizio Falção, João Carvalho, Antonio d' Andrade, Henrique Fernando, Rafael Gomes, Luiz Laureano, Damazio d'Oliveira, Antonio Silva, Cristovam Pereira, José d'Abreu e B. Freixo.

Haverá também um combate-exibição pelo boxeur Francisco Brito, profissional, a quem a festa é dedicada, com os seus magnificos discipulos, José Augusto Bochecha, Walter Pressler e Alfredo Azevedo.

Arbitrarão todos os combates o arbitro official da F. P. B. Umberto Borges de Castro.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Gama

R. do Amparo 51—Lisboa

Sempre sortes grandes!



**O Verdadeiro
Acolhimento**

completa-se, oferecendo-se uma bebida agradável e que possua renome universal. A mesa de chá tomazse-ha mais convidativa, mais distinta, se a qualidade for



LIVRARIA FERIN

Fundada em 1840

TORRES & C.^{TA}

70, Rua Nova do Almada, 74

Telefone 2 4422

Sortimento de livros nacionais e estrangeiros
para o ensino Secundário e Escolas

Superiores

Artigos de Desenho, Esferas e Mapas

Assinaturas para todos os jornais e revistas
estrangeiras

PENSÃO FAMILIAR

F. A. DUARTE

Quartos bem mobilados e boa comida, ou só comida
Acoio e socógo. Casa de muito respeito
SÓ SE RECEBEM PESSOAS DE TRATAMENTO
Rua Ivens, 49, 2.º e 3.º andar

LISBOA

Telefone 20783

Perfumaria Universal, L.^{DA}

Cremes e pó de arroz de todas as boas marcas

PRODUCTOS BENAMOR E NALLY
Bijouterias

O maior e mais lindo sortido em
colares, brincos, pulseiras, etc.

ROCIO, 101

**EXTRATO
HEROICO**

Infalível nos tratamentos das
Doenças Pulmonares
Falta de Apetite
Hemorragias
Fraqueza Geral
DAVITA

Instituto Pasteur de Lisboa, Rua Eugénio dos Santos, 81

H. C. SOUSA L.^{DA}

Sempre novidades em

chapeus chics

Ultimas creações de Paris

Rua do Ouro, 216, 218 e 220, 1.º

Telefone 20560

MAISON LOUVRE

Fatos e vestidos para creanças

Unica casa especialista no País

106, Rocio, 107

AMADOR FOTOGRAFICO

ROÍZ, LIMITADA

82, Rua Nova do Almada, 84

LISBOA

Telefone 24674

Sempre novidade em artigos fotograficos

A melhor casa do género no País

Onde vives agora que estás

com tão bom parecer?

No

Hotel d'Inglaterra